

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA
DE LISBOA A OLIVEIRA DO BAIRRO

BELINO COSTA

A causa era tão grande, tão enormemente justa e humana que a tudo resistiu e a todos venceu.

Celestino Steffanina, *Subsídios para a História da Revolução de 5 de Outubro de 1910, Sans Rancune* (prólogo)



O derrube da monarquia não foi provocado por um violento empurrão. Bastou um sopro mais forte, o vento dos novos ideais, e a monarquia desvaneceu-se. Partiu com o rei a caminho de Gibraltar, fugindo para o alto mar.

Mais do que o descrédito da monarquia, mais do que a ousadia de alguns destemidos, valeu a nova crença, valeu o ideal de um homem novo, de um regime obedecendo, não ao primado do sangue mas ao princípio da cidadania. Valeu o sonho republicano.

O movimento esteve perdido. Houve um momento em que a revolução esteve prestes a terminar numa chacina. Não terminou porquê? Os providencialistas dirão que foi o poder oculto da divindade, os scepticos hão-de atribuir tudo ao acaso. Para mim não foi uma coisa nem outra. Foi a abstenção das forças que se suppunham leais ao rei, abstenção motivada por um lado, pelo espírito democrático da maioria dos sol-

dados e oficiais, e por outro pela inacção consciente do governo monarchico, cujo interesse não era senão o interesse de todos os portugueses oprimidos sob o peso de um trono de chumbo... (1)

O povo de Lisboa veio para a rua, misturando-se com as tropas e os revolucionários, inibindo uns, estimulando outros, espalhando boatos, lançando bombas. Acabou por desempenhar um papel essencial, porque toda a acção revolucionária se desenrolou ao sabor do improvisado e da confusão.

Na madrugada de 5 de Outubro os revolucionários republicanos, instalados na Rotunda, estavam cercados, mal armados e muito desorganizados. A nossa situação era angustiada, confessa no seu relatório Machado Santos, o comandante dos revolucionários. É então que se dá um golpe de teatro.

(...) Avançava pela avenida da Liberdade um parlamentar precedido da bandeira

branca. Chamei o capitão tenente Serejo. Disse-lhe que a vitória era nossa, e fui imediatamente receber a embaixada do inimigo, vindo com profundo espanto que o intermediário era o encarregado dos negócios da Alemanha! (2)

Desapontado por a bandeira branca não significar a rendição, Machado Santos começa por não reagir bem ao pedido de armistício do encarregado de negócios da Alemanha, visando uma trégua para retirar de Lisboa a colónia estrangeira. Sobranceiro, apresenta argumentos.

Ao encarregado de negócios da Alemanha fui dizendo que não concedia o armistício porque a força estava do nosso lado e portanto o general da divisão que se rendesse. Sua Excellencia respondeu-me de mau modo, que nada tinha com isso e que se não lhe concedesse o armistício, o seu país interviria na contenda. (3)

6 Enquanto o encarregado de negócios é entretido por António Maria da Silva, qual improvisado *ministro de negócios estrangeiros*, Machado dos Santos fica a saber

pelos soldados da escolta que *a desmoralização no campo inimigo era completa.* (4)

Empolgado por tais informações tenta usar a situação em seu favor. Negocia um apêndice ao armistício acrescentando-lhe que *emquanto elle durasse, qualquer força que a estas se quizesse reunir, podia fazer a sua junção com as forças da Rotunda* (5) e dá ordem de cessar fogo.

O encarregado de negócios da Alemanha, *pouco satisfeito*, deixa a Rotunda escoltado por *dois populares a cavalo* porque, entretanto, a primitiva escolta de soldados de cavalaria desertara, juntando-se aos revolucionários. Pouco depois, Machado Santos, aproveitando-se do armistício, parte do acampamento em direcção ao Rossio.

Não chega a percorrer toda a Avenida da Liberdade. O povo rodeia-o em euforia.

A meio da Avenida, O Povo, entusiasmado, arranca-me de cima do cavallo e leva-me ao collo até às portas do quartel-general de S. Domingos. (6)



JOSÉ RELVAS PROCLAMA A REPÚBLICA

Mesmo antes da rendição monárquica já nas ruas da baixa lisboeta se davam vivas à República e ouviam gritos de *Vitória! Vitória!*

A derrota da monarchia era um facto destructivel. No Rocio e nos outros pontos, onde momentos antes se combatia ardorosamente, chorava-se de alegria. O espectáculo era de enternecer. O povo, longe de procurar n'esse instante de predominio absoluto desforçar-se no inimigo, perdoava-lhe generosamente as longas horas de angustia e de hostilidade e confundia n'um abraço de sincero entusiasmo vencedores e vencidos. (7)

A solene proclamação da República é feita por José Relvas, a partir da varanda da Câmara Municipal de Lisboa, pelas nove horas do dia 5 de Outubro de 1910, o dia em que, *as paredes amanhecem forradas de editais. (8)*

UMA NOVA FÉ

Perante esta espantosa sucessão de acontecimentos o poeta Guerra Junqueiro verberou uma nova fé:

Fez-se o milagre da Rotunda. Milagre que eu comparo aos milagres de Lourdes. Ali vedes um paralítico erguer-se de repente: salvou-o a fé em Nossa Senhora de Lourdes. Aqui, um povo, paralítico há trinta séculos, ergueu-se poderoso porque tinha fé em Nossa Senhora da Liberdade ou da Pátria. (9)

O antigo estadista do partido Regenerador, Júlio de Vilhena, ao tempo presidente do Supremo Tribunal Administrativo, explicou o 5 de Outubro sem devaneios poéticos:

Foi um alívio para todos. (10)

O telégrafo espalhou a República por todo o país. As capitais de distrito e as sedes de concelho foram aderindo ao novo regime, perante a passividade dos monárquicos. Enquanto uns se enco-

lhiam outros juntaram-se à festa, sucedendo-se vagas de adesões à República. Até confessos monárquicos descobriram dentro do peito uma nova alma republicana. Afinal pouco interessa o nome do regime quando se trata de servir a pátria ou de assegurar a sobrevivência individual! Muda o regime, mas a nação permanece. Afinal, somos um só povo e só um Portugal. Todos irmãos.

É o que o comandante vitorioso, Machado Santos, proclama naquela que é a primeira ordem escrita, do primeiro dia, da primeira República:

A lucta terminou! Já não há inimigos! Hoje todos os portugueses, trocando abraços fraternaes, vão collaborar na obra de regeneração da patria! Já não há inimigos! Há só irmãos! (11)

Os jornalistas estrangeiros não deixaram de dar nota da leveza da revolução portuguesa e da facilidade com que se

7

REPUBLICA PORTUGUEZA

Patria e Liberdade

Governo Civil de Lisboa

Para garantir a liberdade individual, condição necessária da segurança social e da honra do governo republicano, faz-se saber a todos os cidadãos que é indispensavel haver todo o respeito pelas pessoas dos policias, dos soldados municipaes e dos padres, assim como de individuos de qualquer outra condição, castigando-se rigorosamente qualquer desacato que se pratique.

Lisboa, 6 de Outubro de 1910.

O GOVERNADOR CIVIL
EUSEBIO LEÃO

Compsto e impresso nas Officinas da Alvaréa Portuguesa